# A Árvore Generosa como metáfora para o Espírito Santo

Gabriel Perissé<sup>1</sup>

Resumo: A partir de uma leitura teológica do livro A árvore generosa, de Shel Silverstein, é possível identificar as condições intrinsecamente humanas para o nosso encontro com a realidade e com o espírito. A literatura desvela a condição humana, trazendo à luz o que, não por mera coincidência, está presente na tradição sapiencial do cristianismo. O simbolismo da árvore, dos frutos, da viagem entrecruzam-se com a percepção cristã em torno de realidades (humanas e cósmicas) como o amor, a entrega generosa, a busca de sentido. A árvore generosa simboliza o Espírito divino que, quanto mais se doa, mais se realiza. Palavras Chave: Leitura teológica. Simbolismo. Generosidade. Espírito Santo.

Abstract: From a theological reading of Shel Silverstein's book The Giving Tree, it is possible to identify the intrinsically human conditions for our encounter with reality and with the spirit. The literature reveals the human condition, highlighting that, not for a simple coincidence, it is present in the tradition of Christianity wisdom. The symbolism of the tree, the fruits, the journey intersect with the Christian perception around realities (human and cosmic) like love, generous dedication, the search for understanding. The generous tree symbolizes the divine Spirit which, the more you give, bigger is the satisfaction you get.

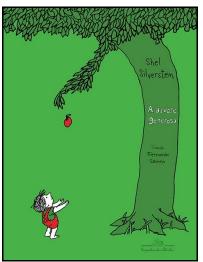
**Keywords:** Theological reading. Symbolism. Generosity. Holy Spirit.

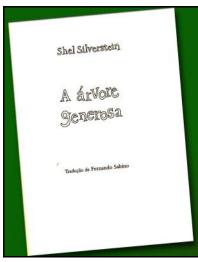
#### Introdução

A literatura é uma das "turas" de que falava Júlio Cortázar.<sup>2</sup> As "turas" conferem sentido à vida. A imaginação literária, pela via da beleza e da surpresa, cria a possibilidade de descobrirmos nossas verdades e seguirmos em frente.

Não raramente, permite também o acesso à transcendência.

É o caso do livro (incluído no gênero infantojuvenil) A árvore generosa (The Giving Tree), do escritor e ilustrador Shel Silverstein (1932-1999), conforme pretendo mostrar neste artigo.





Doutor em Filosofia da Educação (USP), mestrando em Teologia (PUCRS) e escritor -

perisse@uol.com.br <sup>2</sup> "Nuestra verdad posible tiene que ser invención, es decir escritura, literatura, pintura, escultura, agricultura, piscicultura, todas las turas de este mundo. Los valores, turas, la santidad, una tura, la sociedad, una tura, el amor, pura tura, la belleza, tura de turas." (CORTÁZAR, 1977, Capítulo 73, pág.

Publicado pela primeira vez em 1964, o livro fora inicialmente recusado por algumas editoras. Parecia ser um texto "simples e infantil demais" para os adultos, e "melancólico e adulto demais" para as crianças. Esta dupla crítica produziu um impasse, que se resolveria, porém, graças às ilustrações do próprio autor. O seu traço conferiu suavidade e doçura a uma história que poderia afastar o leitor infantil. A obra tornou-se um *long-seller*, em boa parte justamente pela receptividade do público adulto, que viu ali algo mais do que uma "narrativa pueril".

A árvore ostenta grande densidade simbólica. Como fonte da vida, transborda em promessas de crescimento. Sua generosidade remete à capacidade divina de gerar realidades. A árvore é força e poder, contém sêmen (seiva), e ao mesmo tempo é espaco de surgimento e amadurecimento dos frutos, e sua folhagem acolhedora abriga os ninhos dos pássaros. A árvore, plena de forças regeneradoras e renovadoras que infundem esperança no futuro, se converte em árvore-pai e árvore-mãe (ambas as coisas, no plano mítico, convertendo-se em árvore genealógica, quando finda o encantamento). A tríplice tarefa que todo ser humano deveria cumprir (segundo o dito popular)<sup>3</sup> recorda, remotamente, a Trindade: ter um filho (o Pai), escrever um livro (o Verbo), plantar uma árvore (o Espírito). A árvore associada ao Espírito Santo, também como impulso amoroso que une a terra (a humanidade) e o céu (a divindade). A árvore como referência para o descanso (uma lenda apócrifa diz que José, Maria e Jesus, a "trindade da terra", fugindo para o Egito através do Sinai, encontraram uma palmeira e à sua sombra descansaram um pouco). A árvore como imagem da criatividade imortal, mas também como cruz na qual o Filho de Deus entrega sua vida, isto é, seu espírito. É nela, em suma, que encontramos as nossas raízes mais profundas e satisfazemos nosso desejo de uma vida sem fim.

O menino da história aprendeu com a própria árvore que nela há compreensão, acolhimento, paciência e bondade exuberantes. Sua experiência é a de que existe ali uma força amorosa inusitada para os padrões humanos. Em diferentes momentos da vida, ele retornará à árvore, confiante na possibilidade de uma resposta positiva aos seus apelos. A generosidade da árvore evoca o modo como o Espírito Santo distribui bens em abundância, sua criatividade, sua fecundidade, sua virtude (*virtus*, "força", "eficácia"). A hipótese da análise que pretendo fazer a seguir é a de que a árvore generosa seja uma metáfora para a terceira pessoa da Santíssima Trindade.

Concentremos nossa atenção nas imagens e sugestões que o livro de Shel Silverstein proporciona.

## A trama e as interpretações

A árvore generosa completou o seu 50° aniversário em 2014 com mais de 10 milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro. O livro foi traduzido para vários países, especialmente nas últimas duas décadas.<sup>4</sup> A trama é, à primeira vista, muito simples. Uma árvore e um menino desenvolvem um relacionamento em que, sejam quais forem os problemas, é ela, a árvore, quem se doa totalmente ao menino. Este, da infância à velhice, pede-lhe tudo e tudo obtém.

-

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> A máxima de que um homem, para sentir-se completo, precisa realizar esses três projetos — ter um filho, escrever um livro e plantar uma árvore — é atribuída a inúmeros autores e filósofos (a Pitágoras e a Confúcio, ao poeta cubano José Martí e ao escritor irlandês Laurence Sterne). Algumas versões acrescentam uma quarta tarefa: construir uma casa.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> A título de curiosidade, há traduções — para o coreano em 1994, para o grego e o croata em 1998, para o italiano e o estoniano (2000), para o holandês (2006), para o russo e o esloveno (2007), para o sérvio (2010), para o romeno, o búlgaro e o turco (2011), para o lituano (2013), para o galego e o islandês (2015). A tradução portuguesa é de 2008. A brasileira é anterior, de 2006, assinada pelo escritor Fernando Sabino.

Passada a fase inicial, em que só queria divertir-se, alimentar-se e repousar, o personagem torna-se adulto, descobre a necessidade de dinheiro, de construir uma casa, de viajar, nada oferecendo à árvore em contrapartida, a não ser visitas esporádicas, com a intenção de fazer novos pedidos. No final, homem idoso e árvore despojada se reencontram mais uma vez, e mais uma vez a árvore se dá de modo incondicional àquele que ela considera seu eterno "menino".

Para além da simplicidade da trama, há uma rica polissemia. Dentre as várias abordagens de leitura possíveis, destacam-se a interpretação ecológica, a interpretação ética e a interpretação religiosa, com alguns desdobramentos.

A ecológica vê na árvore generosa o símbolo da natureza. O menino, por outro lado, é a humanidade egoísta e narcisista que deseja extrair tudo do seu entorno sem preocupar-se em preservá-lo. Sem perceber que na natureza encontra-se a origem da vida (narrativas siberianas, africanas e australianas falam que o primeiro homem se originou de uma árvore).

A atitude de exploração inconsciente e de abuso contínuo leva ao colapso do todo: mundo e humanidade. Natureza manipulada, reduzida a reserva inesgotável de recursos (e não é inesgotável). Humanidade manipuladora, ambiciosa, empobrecida pela situação de penúria que ela própria criou. O livro, analisado por esta ótica, conta uma verdadeira história de terror, a despeito da romântica remitologização da natureza que se doa até o fim.

A interpretação ética enfatiza os valores da convivência, em particular o valor da amizade. A árvore generosa representa a amizade desinteressada. Quem se dispõe a ajudar o outro deve fazê-lo sem calculismo. A amizade legítima, no entanto, possui caráter bidirecional. Somente no final da história, vislumbra-se certo equilíbrio entre os dois personagens, uma certa reciprocidade. Outra possibilidade (com o apoio da psicologia profunda) é ver a árvore como mãe, cujo amor pelo filho não tem limites nem faz cobranças de qualquer tipo.

Em outra direção, há quem observe uma relação talvez patológica entre os dois personagens (com o fator agravante de que "ela", o feminino, é a explorada, e "ele", o masculino, é o explorador, se quisermos encarar por esse ângulo), e, portanto, um contramodelo ao que se espera da convivência genuinamente humana.

De fato, as duas leituras são possíveis e defensáveis: o risco da autonegação com forte potencial autodestrutivo, e, por outro lado, o amor que não teme entregar-se, e, nessa entrega, realiza-se plenamente. Essa, porém, é a ambivalência do amor, e os poetas e apaixonados, com exagero (ou com realismo?), costumam falar de um "morrer por amor", como no famoso verso "Hei de morrer de amar mais do que pude" do Soneto do amor total, de Vinícius de Moraes.

A interpretação religiosa também traz ambivalências. Em princípio, pode-se enxergar *A árvore generosa* como uma parábola sobre o ideal cristão do amor incondicional, como uma alegoria da beleza sublime do autossacrifício. Mas também como uma compreensão equivocada de amor abnegado. Aceitar que o outro me extenue e destrua não é *justo*, no sentido de que é algo que *não se ajusta* à condição humana. A felicidade, na formulação mais concisa possível, consiste em amar e ser amado, em valorizar e ser valorizado.

A propósito de uma apologia implícita, em *A árvore generosa*, da abnegação exagerada em nome de um suposto amor (de modo especial no caso das mulheres), a teóloga Lakey Hess observa:

Uma teologia que enfatiza o autossacrifício como o *telos* humano estimula ainda mais a luta das mulheres pela autoafirmação. Tal

teologia pode punir os meninos, mas continuará acelerando a devastação florestal. Devemos perguntar a nós mesmos com sinceridade: Deus quer realmente que nos reduzamos a um mero toco? (HESS, pág. 35)

A autora se refere às últimas ilustrações do livro, em que a árvore generosa, depois de entregar os frutos (para que o rapaz os vendesse), seus ramos e galhos, e o próprio tronco (para que o homem construísse uma casa e mais adiante um barco), fica reduzida a "um toco sem graça".

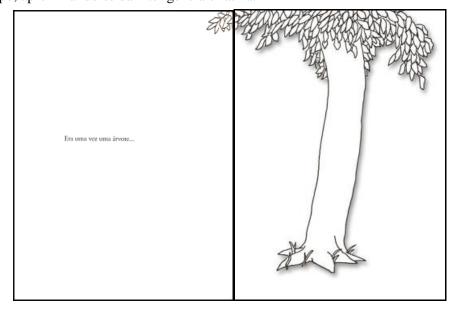


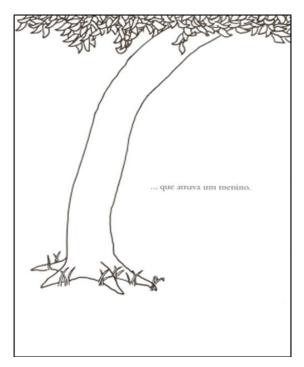
Não nos antecipemos, porém. Leiamos a narrativa desde o início.

#### O jogo do encontro

No princípio, era a árvore. E ela se define como um ser que ama. Ela ama o menino. A árvore generosa só poderá manifestar sua generosidade, no entanto, relacionando-se com outros personagens. Como poderia ser generosa no vazio?

O radical gen- está carregado de possibilidades que envolvem a vida, a transmissão da vida, o nascimento, a criação. Em primeiro lugar, a noção de "gênese", em consonância com "genitores" e "geração". A palavra "engenho" se inclui neste campo, aproximando-se da inteligência criativa.





A árvore generosa, antes mesmo que o menino apareça na página, inclina-se maternalmente, vai ao encontro dele. Seu gesto é o de quem acolhe por antecipação. Ou, como o poeta inglês Gerard Manley Hopkins faz ver: o Espírito Santo se inclina sobre o mundo para meditar nele, para pensar nele com atenção, cuidando dele e protegendo-o com seu peito cálido (carinho, compaixão) e suas asas brilhantes.<sup>5</sup>

É como num amanhecer. É como na aurora dos tempos. Como no paraíso. A árvore generosa se apresenta descentrada de si mesma, como ser aberto, disponível e propenso ao encontro.

"Era uma vez uma árvore... que amava um menino".

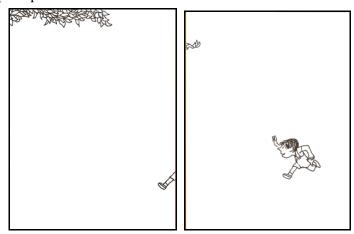
Anuncia-se uma promessa de encontro entre a árvore e o menino. A árvore generosa se sente feliz ao exercer sua benevolência e liberalidade. Que as crianças venham até ela, esta é a sua vontade profunda. É delas e para elas o amor generoso (cfr. Mt 19,14).

A criança é ser aberto ao vínculo: "E todos os dias o menino vinha..."

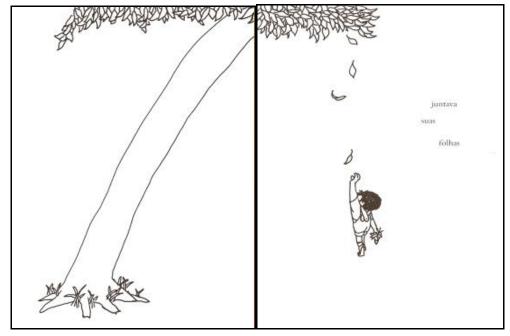


<sup>5</sup> Os três últimos versos do poema God's Grandeur: "Oh, morning, at the brown brink eastward, springs — / Because the Holy Ghost over the bent / World broods with warm breast and with ah! bright wings." (GARDNER, pág. 27)

A árvore parece abrir os braços para receber quem em breve se aproximará. E o menino surge, com leveza e simplicidade. O menino vem todos os dias, mas é como se fosse sempre a primeira vez.



Árvore e menino acenam um para o outro. Esta é uma das regras tácitas do jogo. A liturgia. O rito de entrada.



E a árvore generosa oferece suas folhas para o menino fantasiar.

E com as folhas ele fazia coroas de rei.



A imagem do "rei da floresta" remete ao ser adâmico, que reinava sobre a criação. E a árvore, brincando também, desenha sobre a cabeça do menino-rei um arco sob o qual ele desfila.

As brincadeiras revelam-se como formas de expressão livre do *homo ludens*, ludicidade que é, em última instância, propriedade do *Deus ludens*, da qual participamos. A brincadeira elimina a solidão e o medo. Toda brincadeira implica um convite de participação. E instaura-se a festa. Não se vê aqui a tensão da posse e da angústia quanto ao futuro incerto. Viver o jogo da vida, confiando no Espírito generoso, faz brotar a alegria, fruto da expansão do ser.

Numa passagem do livro dos Provérbios, a Sabedoria divina e criadora é aquela que, todos os dias, encanta Iahweh, brincando em sua presença, e brincando também "na superfície da terra", pois é ali, entre os seres humanos, que encontra suas delícias (cfr. Prov. 8, 30-31).

A brincadeira é o céu na terra.

A árvore generosa se delicia ao ver o menino deliciar-se. Há mistério e milagre nessa relação desinteressada, sem pressa e sem ansiedade. Os dois experimentam, ao mergulharem no jogo criador, a gratuidade da graça. Tal como o Espírito, a árvore generosa é o próprio presente que se presenteia ao menino (autodoação), sem nada impor ou cobrar. E o menino presenteado, por sua vez, experimentando o encantamento, vive em estado êxtase, usufruindo de uma liberdade tão criativa quanto a generosidade.

Viver repleto da generosa presença do Espírito (ou seja, entusiasmo, êxtase, júbilo) é viver a fundo a dimensão lúdica da criação e o impulso gracioso da criança interior (e não será por acaso que as palavras "criação" e "criança" têm parentesco etimológico).

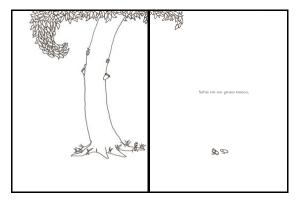
A propósito dessa atitude lúdica e criativa, cabe citar palavras de José Antônio Merino que, embora escritas em outro contexto (a vida de Francisco de Assis e o franciscanismo), caem como uma luva para descrever a atmosfera (ética e cósmica) de espontaneidade e harmonia entre a árvore generosa e o menino:

A atitude lúdica do irmão de Assis provinha da convição de que tudo é gratuito; e, por conseguinte, ao não exigir nada de ninguém nem de nada, pôde desfrutar de tudo e de todos. Só uma vida despossuída de interesse se transforma em canção, em dança e em verdadeiro brinquedo. Quando a vida é recebida como dom, a existência humana pode cantar uma canção distinta da que conhecemos. (MERINO, pág. 302)

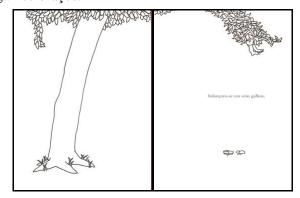
A árvore generosa é espírito vivificante, vida intensa da qual o menino participa. Ele se sente à vontade com a árvore e a árvore é este dom constante para o menino.

Não há tédio nem receios nesta relação original. Que medo teria o menino se a árvore só lhe quer bem? Ou por que o menino temeria a árvore, que bem sabe quem ele é e quais são as suas reais necessidades?

O menino foi chamado pela própria árvore a essa existência de relação confiante. E o menino responde ao chamado da árvore, assumindo as possibilidades do jogo relacional. Entre ele e ela há sempre jogo. Há sempre um "entre", um espaço de criatividade para que eles se reconheçam e se reencontrem. Ao redor da árvore, o menino brinca, faz experiências, desenvolve-se.



E como se fosse a mãe pegando o filho no colo, a árvore generosa balança o menino em seus galhos-braços.



E o menino, descalço, se deixa embalar tranquilamente.

Entre a árvore e o menino aprofunda-se a relação de confiança.

A confiança tem como fundamento o amor genuíno.

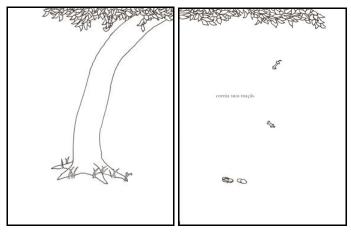
O menino acredita que a árvore é generosa e que ela o ama por ser ele exatamente quem é. Nem mais nem menos. E a árvore acredita que o menino também a ama e a ela se entrega generosamente, no jogo do encontro.

Na mutualidade do encontro, a árvore toma a iniciativa, ama primeiramente o menino, que se deixa amar pela árvore generosa. E a árvore se deixa amar e tocar pelo menino, que vai aprendendo a tomar iniciativas de amor.

A árvore se entrega ao menino e o menino se integra à árvore.

O menino penetra nas entranhas da árvore e faz dali a sua morada.

E ali encontra o seu alimento.



A árvore é generosa com seus dons. Não os detém para si mesma. Sente-se feliz ao ver o menino tomar a liberdade de usufruir de seus frutos.

O menino saboreia os frutos e sacia a fome. O menino não hesita em receber e comer da árvore. Os frutos não lhe são proibidos.

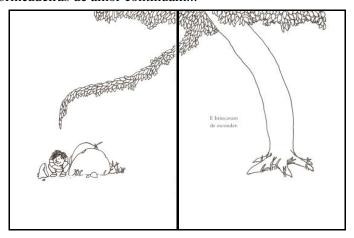
A metáfora dos frutos é habitual no contexto das relações. Conhecemos as pessoas pelos seus frutos (cfr. Mt 7,20). Os frutos são a exteriorização de uma identidade que se manifesta ao outro. Os frutos são, por definição, algo que nasceu do mais íntimo para ser recebido no mais íntimo do outro (os frutos existem para ser, literalmente, desfrutados pelo outro), e estão associados ao gosto do amor e ao desejo de conhecer.

O fruto é alimento que dá energia e força. É realização de anseios e promessas, tanto para quem dá como para quem recebe o fruto.

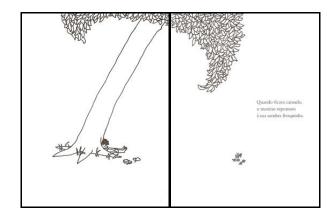
Como os poetas sentem e pensam, o fruto postula uma realidade para além do tempo e do espaço, um tempo de unidade plena:

Se o homem é um ser que não apenas é, mas que está sendo, um ser que nunca acaba de ser, não é um ser de desejos tanto quanto um desejo de ser? No encontro amoroso, na imagem poética e na teofania, conjugamse sede e satisfação: somos simultaneamente fruto e boca, numa unidade indivisível. (PAZ, pág. 165)

E as brincadeiras de amor continuam...



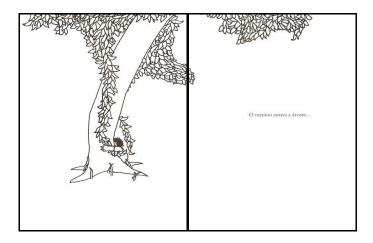
Até que o menino cai no sono.



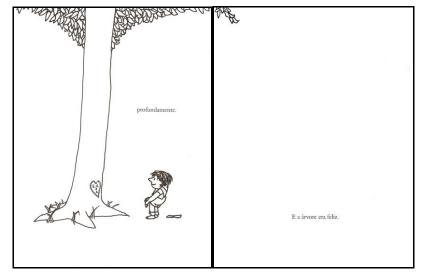
O sono da criança no regaço da mãe, lugar de total segurança e comunhão. A sombra é outro fruto da árvore. É seu fruto imaterial e intangível, mas com efeitos claros. A experiência de dormir dentro desta sombra equivale a habitar dentro da própria árvore, mas não fisicamente dentro dela. É participar da árvore sem fundir-se com ela. Repousar à sombra da árvore faz parte de um processo de transfiguração. É outra forma de a árvore derramar-se generosamente sobre o menino e de o menino alimentar-se da árvore.

À semelhança da mãe que protege o filho com uma coberta ou com seu próprio corpo (cfr. Lc 13, 34), a árvore generosa cuida do menino. O menino encontrase no seio da árvore, em comunhão com ela. No "reino" da árvore, a sombra é abrigo (cfr. Mc 4, 32). Moltmann observa a importância de vermos no Espírito Santo a figura da mãe, verdadeiramente confortadora (cfr. MOLTMANN, págs. 41-43).

E o sono é descanso profundo e reparador. A "sombra fresquinha" não assusta. A sombra é aprazível, protetora. A árvore que acolhe o menino em sua sombra, reitera amá-lo em qualquer circunstância. E o menino, sonhando/meditando à sombra da árvore, descobre que ele também a ama.



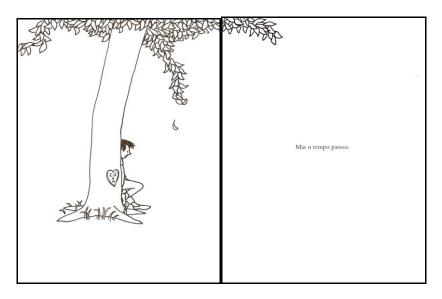
E, por saber-se amado, o menino mostra seu amor à árvore num abraço de ternura.

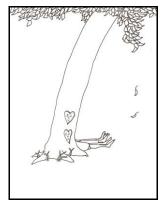


E ambos se sentem profundamente felizes.

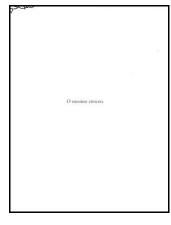
### A vida ocupada

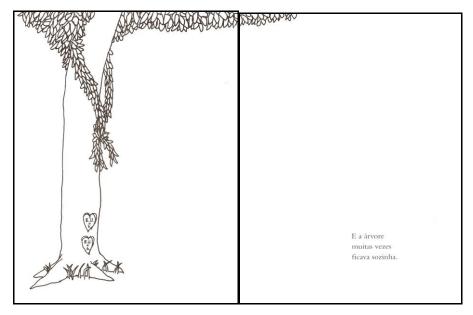
O tempo passou. Ou melhor, a mudança se introduziu na relação entre a árvore e o menino. O tempo edênico ou a "idade de ouro" se perderam em algum ponto da história. A narrativa sofre uma quebra, marcada pela adversativa "mas". Outra relação tem início, aparentemente não harmônica. Há agora oposição ou, talvez, contraste. O "menino" está de costas para a árvore. O diálogo se interrompe. E logo depois o menino (agora rapaz) encanta-se por um novo amor, superposto ao antes exclusivo amor pela árvore (e a árvore não sente ciúmes...).





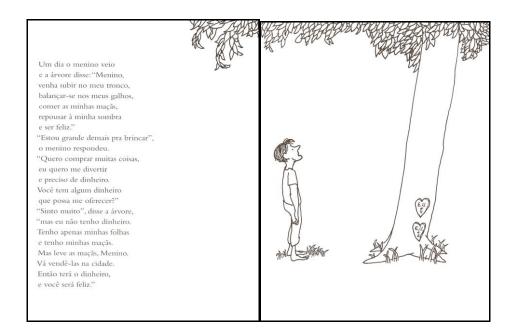
O menino cresceu. Não quer mais a vida que viveu. Em breve, desaparecerá de cena. E a árvore generosa experimentará a solidão.





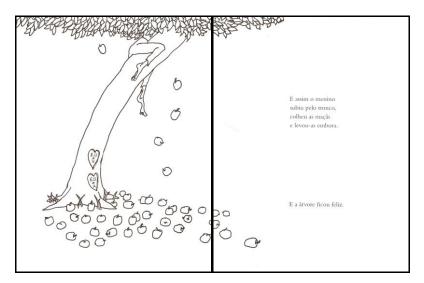
O menino (já praticamente adulto) retorna à presença da árvore generosa, que lhe oferece aquele tempo ideal do encontro. Para a árvore, aliás, o menino ainda é um menino, e a ludicidade continua sendo caminho de felicidade.

Contudo, o menino se opõe a brincar. Alega estar "grande demais" para essa perda de tempo. Não se vê mais como menino. Seu modo de encarar a árvore também não é mais o mesmo. Para ele, surgiram novas urgências. O tempo passado tornou-se um limite a ser superado e esquecido. Não lhe satisfazem mais o fruto gratuito e o jogo espontâneo. Agora, pretende saber por conta própria o que é útil e inútil, o bem e o mal, o que supõe aproveitamento ou perda de oportunidades, custo e benefício. Os seus olhos se abriram! Possui os seus próprios projetos de vida.



O menino se confronta com a árvore. Sente-se no direito de receber dela o que quer receber. Quer comprar coisas, divertir-se ao seu modo. Precisa de dinheiro, e é o que exige agora da árvore. Esta lhe responde que não possui dinheiro, mas, fiel à sua

própria generosidade, apresenta-lhe outra possibilidade: que o menino pegue os frutos e os traduza em dinheiro. O rapaz voltará a subir na árvore, como outrora, mas com outra intenção. Levará embora, para vender, o que considera propriedade sua.



E a árvore se sentirá feliz, pois pensa no menino mais do que em si. Seus frutos existem para ele. Que o menino seja feliz, esta será sempre a razão da sua felicidade.



Ocupado com seus projetos de felicidade, o menino mergulha em seu próprio tempo, abandonando o tempo da infância espiritual. Sua prioridade é realizar coisas. No entanto, algo nele (o menino que no fundo ele é) retorna à fonte dadivosa de vida e de bens. Ao vê-lo, a alegria faz as entranhas da árvore estremecerem (cfr. Lc 10, 21 e Lc 1, 41-44), resultado da sua abertura total perante o ser amado. A árvore generosa (ainda lenho verde...) não tem mais os frutos que tinha. De qualquer modo, oferece outra vez ao menino a possibilidade do jogo do encontro, desejando que ele volte a ser feliz.

A resposta do menino que não se considera mais menino é um novo rechaço ao convite do jogo.

A vida ocupada bloqueia a ludicidade.

Não temos tempo a perder!



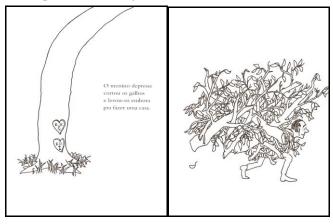
O homem necessita de uma casa própria. A necessidade, legítima, está ligada à ideia de dar abrigo à esposa e aos filhos. O homem maduro (ex-menino) continua, no fundo, acreditando que a árvore tem o poder de resolver seus problemas. O poder e a obrigação. Ironicamente, a própria árvore tinha sido sua melhor morada antes.

A árvore generosa tenta explicar ao menino um conceito mais amplo de casa. A casa da árvore é a floresta. Seria preciso cultivar a visão relacional, cósmica, holística. Se ele descobrisse, por exemplo, que há uma comunicação subterrânea entre as raízes... Ou se subisse de novo na árvore e obtivesse a amplitude necessária, e descortinasse horizontes... Talvez adquirisse uma visão mais generosa também, e percebesse que a árvore poderia lhe conceder muito mais do que imaginava.

De acordo com a lógica da vida em comunhão, de um "ecossistema" da salvação, "quem é ganancioso demais e pega tudo sem dar nada em troca acaba roubando de si mesmo os elementos básicos da vida e morre" (WOHLLEBEN, pág. 105). Essa é uma lei da genética, por uma parte, e da generosidade constituinte da vida espiritual. Quem tudo quer tudo perde, e perde-se, e faz os outros perderem. Quem se preocupar e se ocupar somente com sua vida, com suas coisas e seu sucesso, estará pondo em risco sua própria vida (cfr. Mt 16,25), e a dos outros.

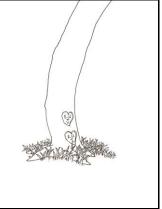
A árvore generosa procura oferecer aqui os dons da consciência e da prudência, que estimulam a ver e fazer o que é melhor. O contrário do melhor a fazer é "desobedecer". A indocilidade (etimologicamente, o *indocilis* é refratário ao aprender) do menino-adulto (menino "adulterado") significa recusa destes novos dons. Sua pretensão é a de decidir sozinho sobre o que é o bem (ou o que ele julga ser bom para si) ou o mal, sem levar em consideração a repercussão concreta dos seus atos e decisões na vida em geral e na vida dos outros.

Diante da postura inflexível do menino-homem, a árvore esvazia-se mais uma vez, e abre mão de outra parte sua. Curva-se ao desejo insaciável de quem, depois, sequer lhe agradecerá por essa nova ajuda.



Tomado pela desmedida (*hybris*), o menino-homem está obcecado por seus próprios problemas ou, o que é pior, por suas próprias soluções. Não se apercebe de que a presença da árvore, de que o genuíno encontro com a árvore, de que dialogar com ela, usufruir de seu conselho e sabedoria, tudo isso seria bem mais inspirador.

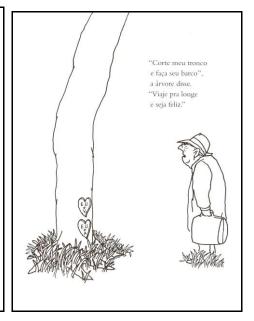
Seja como for, a árvore se sente feliz por ter tentado, de novo, contribuir para a felicidade do menino. (Ou haveria outra causa, secreta, para esta felicidade?)





E o menino foi morar em seu próprio tempo. Até que, uma vez mais, voltou.

O menino ficou longe
por um longo, longo tempo,
e no dia que voltou
a árvore ficou alegre,
de uma alegria tamanha
que mal podia falar.
"Venha, venha, meu Menino",
sussurrou: "venha brincar."
"Estou velho pra brincar",
disse o menino,
"e estou também muito triste."
"Eu quero um barco ligeiro
que me leve pra bem longe.
Vocé tem algum barquinho
que possa me oferecer?"



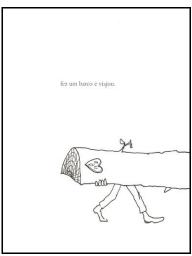
A árvore generosa jamais se esquece do menino, nem se esquece dele como um menino. E experimenta renovada alegria quando o vê de volta. E reitera, com o coração na mão, digamos assim, o convite para o jogo do encontro, para a alegria simples do brincar no âmbito da unidade.

Tal como um filho pródigo avançado em idade, o ex-menino recusa novamente o convite — "estou velho pra brincar" —, e requisita a última parte da sua herança, com o desejo de partir definitivamente dali. Quer se lançar ao longe e "no longe". Lançar-se no longe (há uma qualidade metafísica nesse advérbio substantivado) seria mais do que distanciar-se fisicamente; seria, o que resulta ainda mais dramático, perder-se de si mesmo.

Além da velhice, a tristeza e a decepção o impedem de brincar. Seus planos anteriores foram por água abaixo. Suas maiores esperanças não se cumpriram. O pedido por um "barquinho" indica seu atual estado de solidão asfixiante. Não precisa de muito espaço nesse barco. Sua vida é diminuta. Não há mais ninguém com ele. E deve ser um barco "ligeiro", pois o que o solitário mais anseia é ir embora rapidamente.

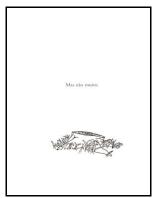
Perante esse desesperado gesto de *dexistência* (desistência da existência), pecado maior contra o dom da vida e do encontro, a árvore generosa faz uma entrega radical, e oferece o seu próprio tronco para que o menino construa um barco.





O menino aceitou a oferta sem pestanejar. E viajou o mais rápido possível para o mais longe possível de tudo.





#### O toco e o trono (CONCLUSÃO)

A árvore generosa é, ou pretendia ser, o vínculo de afeição entre o menino e o mundo, o nexo amoroso entre o menino e a vida, entre o menino e o divino, entre o menino e os demais, entre o menino e a felicidade.

O aparente fracasso em seu intento poderia nos fazer pensar que a generosidade "exagerada" é puro engano. Que jamais será uma atitude apropriada, justa, adequada. Que o amor incondicional é, enfim, irracional, ilógico, autodestrutivo e, portanto, desaconselhável.

No entanto, generosidade é mais do que um "dar" inconsequente. Para exercer sua missão amorosa, a árvore generosa se excede em criatividade. Embora esteja

enraizada no solo da realidade, encontra-se em contínuo movimento, na medida em que instaura com o menino um espaço de liberdade, de graça e de crescimento. Nesse espaço lúdico surgem surpresas, que também poderíamos chamar "milagres".

A insistência da árvore a favor do brincar, em contraste com a rejeição do menino — que por falta de brincadeira começa a envelhecer e entristecer-se —, não foi ineficaz.

Numa leitura um pouco mais atenta das entrelinhas, a história da árvore generosa revela outra saída interpretativa. Iremos perceber que a árvore continuou brincando com o menino, mesmo quando este reagiu mal e se recusou a participar da brincadeira. A felicidade da árvore consiste em brincar com o menino, mesmo quando a brincadeira se torna difícil, quase inviável.

A árvore defende sempre a liberdade do menino, a qualquer preço. Mesmo reduzida a toco, e "não muito" feliz, a árvore continua criando possibilidades lúdicas. Suas raízes continuam se comunicando com o real (o essencial é invisível aos olhos...), e tudo o que ela ofereceu incondicionalmente ao menino — folhas, frutos, sombra, ramos, galhos, tronco — não se perde em absoluto. Os dons transfiguram-se em coroa (eram folhas), em casa (eram galhos), em barco (era o tronco).

Como "paráclita" (advogada de defesa), a árvore está sempre ao lado do menino, mesmo quando ele se encontra afastado. Ela sempre o compreende e perdoa (como a mãe ao filho). Ela nunca desiste. Ela sempre pensa bem dele (fidelidade sem ilusões), e sempre espera a sua volta. Como "pedagoga", "mestra", a árvore quer ensinar tudo ao menino (cfr. Jo 14, 26). As brincadeiras são caminho de aprendizado. A história da árvore generosa e do menino ainda não terminou.

A kénosis da árvore generosa consiste em assumir a condição de toco ("um toco sem graça"). Contudo, o que poderia representar a suprema limitação guarda, na verdade, uma força surpreendente e paradoxal ("é dando que se recebe"...). Ao ser despojada pelo menino insaciável, a árvore foi saindo de si para acompanhar ainda mais o menino em suas jornadas. Ela o alimentou, tornando-se parte dele. Ela se transformou na casa do menino, quando lhe entregou sua madeira. O menino e sua família passaram a morar dentro dela. E quando o menino partiu em seu barco, ela, a árvore, era o próprio barco em que ele partia, pois o barco era o seu tronco.

O trajeto kenótico leva à cabal humilhação da árvore, mas, à medida que esta vai renunciando a tudo, cada vez entra mais profundamente na vida do menino. O encontro derradeiro entre a árvore (o toco de árvore) e o menino (o homem idoso) demonstra que ambos estão no limite do nada.



demais pra maçãs", falou o menino "Já se foram os galhos pra você balançar", a árvore disse. "Iá não tenho idade pra me balançar Não tenho mais tronco pra você subir", "Estou muito cansado falou o menino. "Eu bem gostaria de ter qualquer coisa pra lhe oferecer", spirou a árvore. "Mas nada me resta e eu sou apenas um toco sem graça Desculpe...

O diálogo final entre os dois é agora bem diferente do que vimos antes. A voracidade do menino que queria tudo "para ontem" foi substituída pela confissão de um profundo cansaço. A compulsão de quem pressionava a árvore e tudo exigia apagou-se. O que o menino-velho poderá pedir a um toco de árvore que não tem mais nada a lhe oferecer, apenas um humilde (e, a rigor, injustificado) pedido de desculpas?

No entanto, a árvore generosa continua sendo generosa e compreensiva. Não acusa o menino de a ter despojado. Aliás, foi a própria árvore quem, livre e amorosamente, aceitou o despojamento, como parte do jogo que era possível jogar. Por outro lado, porém, era ele quem vinha arrancar os frutos, os galhos, o tronco.

Fim da história: o menino vivido e envelhecido está desanimado, apático. E no entanto, encontra-se ali, diante da árvore. Mais uma vez regressou à sua referência maior, à sua origem como ser brincante. A nostalgia o atraiu? Lembrou-se de como era feliz na casa materna? Sentiu-se impulsionado pela esperança de ser acolhido e compreendido como antes? À beira da morte, o menino procura o Espírito da vida.

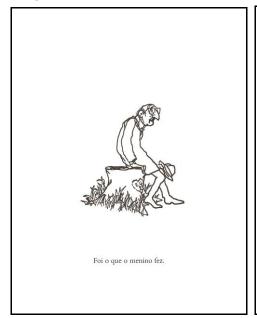
A árvore generosa como metáfora para o Espírito Santo, ou, talvez, como uma epifania literária. Seu autoesvaziamento, na história que acabamos de ler, corresponde, parece-me, ao que o teólogo russo Sergei Bulgakov escreveu sobre a *kénosis* do Espírito Santo:

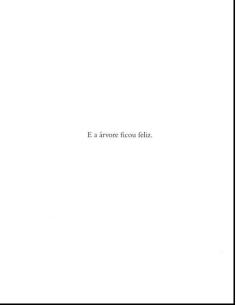
La kénosis del Espíritu Santo constituye de hecho una auto-limitación voluntaria en presencia de la libertad y la tardanza de la criatura. Si el amor es además paciencia unida a la humildad, la hipóstasis del amor, el Espíritu Santo, se manifiesta por ello como paciencia y humildad. (BULGAKOV, Il Paraclito, apud CIOLA, pág. 64)

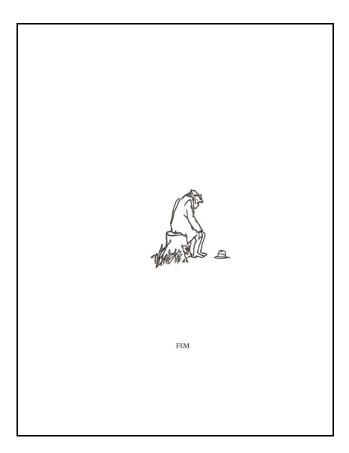
A felicidade que a árvore generosa sente é a da pessoa divina que se realiza ao mesmo tempo que se entrega ao outro, em busca da felicidade do outro, no tempo do outro. O menino-velho, também esvaziado, tornou-se igualmente humilde e paciente. Já não quer muita coisa, apenas um lugar em que possa repousar em paz.

"Já não quero muita coisa", disse o menino, "só um lugar sossegado onde possa me sentar, pois estou muito cansado." "Pois bem", respondeu a árvore, enchendo-se de alegria, "eu sou apenas um toco mas um toco é muito útil pra sentar e descansar. Venha, Menino, depressa, sente-se em mim e descanse."

E a árvore generosa, de novo, se entrega ao menino. O toco é excelente lugar, é o lugar perfeito para o menino sentar-se e descansar. Retoma-se o espaço lúdico e litúrgico, pois é ele, o menino, transfigurado outra vez em rei da floresta, quem reassume seu lugar na criação, ocupando, no espírito da brincadeira divina, da misericórdia divina, o "trono da graça" (Hb 4, 16) em que o toco sem graça se transfigurou.







#### Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 27.ed. Trad.: Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CIOLA, Nicola. Cristología y trinidad. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2015.

CORTÁZAR, Julio. Rayuela. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1977.

GARDNER, W. H. *Poems and Prose of Gerard Manley Hopkins*. Baltimore: Penguin Books, 1953.

HESS, Carol Lakey. Caretakers of our common house: women's development in communities of faith. Nashville (Tennessee): Abingdon Press, 1997.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. 2.ed. Trad.: Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MERINO, José Antônio. *Humanismo franciscano: franciscanismo e mundo atual*. Trad.: Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: FFB, 1999.

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. Trad.: Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2002.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad.: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RONNBERG, Ami. *O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas.* Editado por Kathleen Martin. Colônia: Taschen, 2010.

SILVERSTEIN, Shel. *A árvore generosa*. Trad.: Fernando Sabino. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

WOHLLEBEN, Peter. A vida secreta das árvores: o que elas sentem e como se comunicam. Trad.: Petê Rissati. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

Recebido para publicação em 05-09-17; aceito em 09-10-17